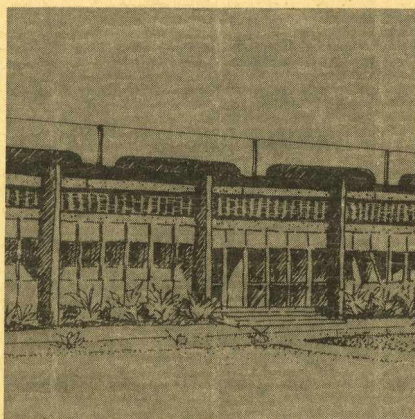


# A IMPORTÂNCIA DO LIVRO

NA FORMAÇÃO E NA ATUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

SOLON GALVÃO FILHO



1

ESCRITA & MEMÓRIA



**A IMPORTÂNCIA DO LIVRO  
na formação e na atualização  
do conhecimento**

**SOLON GALVÃO FILHO**

*Edição comemorativa do sexá-  
gesimo sétimo aniversário de  
nascimento de Zila Mamede,  
em 15 de setembro de 1995*

Natal-RN  
Biblioteca Central Zila Mamede  
1995

Coleção *Escrita & Memória* é uma publicação da  
**Biblioteca Central Zila Mamede**

Presidente da República  
**Fernando Henrique Cardoso**

Ministro da Educação e do Desporto  
**Paulo Renato Souza**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
**José Ivonildo do Rêgo**

Biblioteca Central Zila Mamede  
**Rejane Lordão Monteiro**

Editora Universitária  
**Elizabeth Raulino Câmara Cavalcanti**

Comissão Editorial da BCZM  
**Gildete Moura de Figueirêdo**  
Presidente

**Lígia de Araújo Alves**  
**Teresinha de Jesus Silva**  
**Margarete Régia de Lara Menezes**  
**Maria Salete Belarmino Bezerra de Macedo**  
**Maria Lúcia de Sales Cabral Barreto**  
**Maria da Saudade Guimarães Araújo Souza**

Editoração Eletrônica  
**Textos Informática**

Ilustração da Capa  
**Elizabeth Raulino Câmara Cavalcanti**

Normalização Bibliográfica  
**Gildete Moura de Figueirêdo**

Catálogo na Publicação. UFRN/BCZM Divisão de Processos Técnicos

**GALVÃO FILHO, Solon**

A importância do livro na formação e na atualização do conhecimento / Solon Galvão Filho. – Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995. 14 p. – (Escrita & Memória; 1)

Edição comemorativa do sexagésimo sétimo aniversário de nascimento de Zila Mamede, 15 de setembro de 1995 – in memoriam.

1. Livro. 2. Informação. 3. Conhecimento. I. Título

RN/UF/BCZM

CDU 002

© Solon Galvão Filho, Natal, RN, 1995.

## A importância do livro na formação e na atualização do conhecimento\*

Solon Galvão Filho\*\*

Que minhas primeiras palavras sejam de agradecimento aos dirigentes da Biblioteca Setorial do Departamento de Odontologia do Centro de Ciências da Saúde, que tiveram a lembrança de convidar-me para dirigir-lhes algumas palavras sobre esse instrumento quase sagrado da comunicação que, resistindo ao progresso vertiginoso da *informática*, sobrevive e se mantém como veículo por excelência do conhecimento.

Estamos aqui reunidos para, numa exaltação ao *livro*, celebrar o início da *Semana do Bibliotecário*, guardião zeloso e incansável dos tesouros colecionados sob a forma de bibliotecas.

Seja-me permitido personificar a expressão simbólica desta homenagem evocação saudosa de *Zila Mamede*, poeta, ensaísta e, antes de tudo, pioneira e a figura mais representativa da *biblioteconomia* na Universidade e no Rio Grande do Norte, através de quem saúdo todos os bibliotecários de nossa terra.

O que teria movido os responsáveis pela *Biblioteca* a arrancar-me de meu exílio acadêmico para cumprir esta missão?

Há tantos anos afastado das atividades pedagógicas, pelo menos neste país, admito que recebi o convite com alguma surpresa. É com honra e satisfação que atendo a essa convocação irrecusável.

O convite proporcionou-me a oportunidade de voltar a esta *casa* depois da ausência de uma dezena de anos. E este momento é um misto de prazer do reencontro e de emoção contida da saudade dos tempos em que percorria esses corredores e ocupava esta mesma *sala*, onde tantas centenas de vezes foram mantidos agradáveis contatos com aqueles que aqui vinham buscando desvendar os mistérios da ciência e da arte da Odontologia. Alguns ainda aqui se encontram, tendo-nos substituído com competência e brilho admiráveis. Outros, dedicam-se a dirigir com destacada eficiência esta instituição.

\* Palestra comemorativa ao Dia do Bibliotecário, proferida em 13 de março de 1995, no auditório do Departamento do Curso de Odontologia da UFRN

\*\* Prof. Adjunto do Departamento de Odontologia da UFRN (aposentado). Prof. visitante da Faculdade de Odontologia de Copenhague (Dinamarca), Prof. Visitante da Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa (Portugal). Autor da Nomenclatura Prostodôntica (1965), no prelo, o Dicionário Odonto-Médico Inglês-Português.

Neste quadrante do mundo, existe um inexplicável fosso que separa o *novo* do *velho*.

Eu cumprimento a Diretora Maria da Saudade Araújo de Souza pela intenção que manifestou, menos pela escolha de meu nome do que pela lucidez de perceber o despropósito da existência de tal fosso que separa gerações contemporâneas, promovendo a aproximação das extremidades e trazendo o *velho*, pretendo representante do passado, para contactar com o *novo*, precisamente aqui neste centro formador de conhecimento especializado.

Esse gesto põe por terra as visões distorcidas que se atribuem a uns e a outros, em que, pela óptica dos *velhos*, os jovens seriam crianças imaturas e inexperientes e só acreditam naqueles de sua geração, supostamente experientes e judiciosos. Por outro lado, na visão dos *jovens*, os velhos seriam superados; desatualizados; extemporâneos; fora do contexto, já nada lhes teria a oferecer.

Sempre tenho dito de minha convicção de que nossos erros nos ensinam mais do que nossos acertos.

E nós, que vemos mais, seguramente temos acertado mais, e sobretudo temos errado mais.

Na química das relações humanas, só resulta positiva a interação do *velho* e do *novo*. Este é a matéria. Aquele, o fermento. Este é a substância. Aquele, o catalisador.

A convivência franca entre gerações contemporâneas promove as trocas mais produtivas.

O *novo* se tempera com a experiência vivida e sedimentada do mais velho.

O *velho* se renova com a seiva fresca da juventude.

Afinal, depois dessa digressão filosófico-sentimental, aqui estou eu para fazermos juntos algumas reflexões sobre o conhecimento, ou, mais especificamente, a administração do conhecimento.

Como se tem processado o armazenamento e a transmissão do conhecimento humano através dos tempos?

Desde épocas imemoriais, quando ainda era inexpressivamente escassa a população da *terra*, incipiente sob a forma simples da experiência, era transmitido de pessoa a pessoa e de geração a geração, de boca em boca, no que hoje conhecemos como *tradição oral*.

Com o transcorrer do tempo, o mundo passou por grandes transformações. As populações cresceram numa rapidez ver-

tiginosa. O progresso se fez presente em todos os campos do conhecimento, e a ciência, em sua evolução constante, impôs radicais modificações à vida e ao comportamento humanos. Por certo, não foi diferente com a comunicação entre as pessoas e entre os povos.

Passemos a fazer uma breve análise da língua – “o maior insumo de informação e comunicação”.

Imagine-se que há mais ou menos 10.000 anos, cerca de 10 milhões de pessoas que habitavam o mundo conhecido comunicavam-se por meio de 20.000 línguas faladas.

Hoje, com o progresso da tecnologia, com o encurtamento das distâncias, com a fusão e o desaparecimento de tribos, de povos, de grupos étnicos, menos de 3.000 línguas servem de veículo de comunicação para os atuais 6 bilhões de habitantes do globo.

Algumas delas desenvolveram-se, cresceram, difundiram-se e impuseram-se pela via colonizadora, muitas vezes estrangulando e fazendo declinar e desaparecer as mais fracas.

Indagamos: como se processa hoje a comunicação entre os povos, depois de nossa transformação em “aldeia global”?

Vejamos o panorama dos idiomas falados no mundo moderno.

Do número total das línguas existentes na atualidade, a grande maioria é formada pelas denominadas *línguas naturais*, cujo vocabulário em poucos casos chega a 3.000 palavras.

Por outro lado, as chamadas *línguas de cultura* ou *línguas de civilização*, em número muito limitado, têm um vocabulário mínimo de 450.000 palavras.

Catorze são as mais importantes, levando-se em consideração o número de falantes.

Em primeiro lugar está o chinês. Em segundo, está o inglês. O português ocupa o nono lugar.

A língua inglesa destaca-se pela riqueza de seu vocabulário. Com 1 milhão de palavras, tem duas vezes o vocabulário de qualquer das outras. Segue-se a ela o alemão. O português, que, assim como o espanhol, em sua forma original não era uma língua, mas um dialeto, tem hoje um acervo de, no mínimo, 450.000 palavras.

Convém que seja dito que a língua mais importante na comunicação mundial, embora não seja a mais falada, é de longe o inglês, considerando-se que

50% dos livros publicados no mundo são impressos em inglês

70% da correspondência do mundo é redigida em inglês

75% dos telegramas do mundo são em inglês

Mais da metade dos tratados científicos é escrito em inglês

Mais da metade dos telefones do mundo encontra-se em países de língua inglesa

A maioria absoluta das reuniões e conferências políticas, científicas e comerciais adota o idioma inglês.

É óbvio que uma *língua*, em sua estrutura e em sua instrumentalidade, reflete o grau de desenvolvimento do *povo* do qual provém e dela faz uso.

Quanto mais adiantado for um *povo*, tanto mais desenvolvido será seu *idioma*, e, ainda que pareça *contraditório*, tem-se comprovado que, quanto maior é o número de *falantes*, tanto mais *simples* é a estrutura gramatical.

Evidentemente, a *língua* é igualmente um *instrumento de dominação*.

No caso do idioma de *Shakespeare*, ocorreu e ocorre exatamente esse fenômeno.

A presença maciça do *inglês* em todos os quadrantes do mundo e em todas as áreas da atividade humana são um misto de causa e efeito. Por um lado, o domínio econômico e cultural dos países anglo-saxões. Por outro lado, a condição de idioma *rico, conciso, simples* e de *grande instrumentalidade* garante-lhe a cobiçada posição de *língua universal*, sonho de tantos anos que até hoje não conseguiu transformar-se em realidade através do *esperanto*, idioma *pasteurizado*, criado por *Zamenhof*, no século XIX, exatamente com essa pretensão. *Sintético, lógico, fácil*, com apenas *cinco sons vocálicos e dezesseis regras gramaticais*, nunca, entretanto, atingiu seu propósito, precisamente porque por trás dele falta a força de uma *civilização*.

O *latim* reinou durante o período da hegemonia romana, num mundo incomparavelmente limitado, onde teria sido, no entanto, impossível desempenhar o papel que hoje representa o *inglês*.

O *francês* viveu seus dias de glória como *língua política e diplomática*, e, atravessando o tempo, viu talvez seu *apogeu* no Congresso de Viena, em 1815, e começou a assistir ao seu



ocaso na Conferência de Versalhes, em 1919, vendo-o consumir-se ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Com toda a importância que ainda lhe resta, principalmente como *manancial* alimentador do próprio *inglês moderno*, está muito longe de pretender *supremacia mundial*, talvez também por ter uma gramática *complicadíssima* que, dentre as das *línguas modernas*, é a única que ainda não passou por uma *reforma*.

Por paradoxal que possa parecer, o *inglês*, se bem que originalmente uma *língua anglo-saxã*, tem hoje em seu vocabulário mais de 50% de palavras *latinas*, incorporadas diretamente do *latim popular*, em consequência das duas invasões *romanas*, com longa permanência no território britânico, ou através do *francês*, em maior proporção, pela via da invasão normanda, portadora de forte influência que ainda hoje persiste.

A pujante *cultura anglo-saxã*, com a sua vitalidade e movida pelo pragmatismo que a caracteriza, nunca fez restrições aos neologismos, recebendo-os de todos os idiomas do mundo.

Exatamente essa filosofia *liberal* enriqueceu o idioma *inglês*, transformando-o no *mais importante de todos*.

O oposto ocorre, por exemplo, com o *português de Portugal*; é bem verdade que dentro de uma conjuntura sociopolítica inteiramente distinta. Voltado para dentro de si mesmo, e envolto na couraça impermeável de um conservadorismo paralisante, assiste à sua própria *estagnação*.

Apercebo-me hoje de que se enganou meu *Pai*, quando, em 1943, aconselhou-me, a estudar o *inglês*, afirmando-me que durante *50 anos*, a partir de então, imperaria absoluto aquele idioma.

Estou hoje convencido da timidez de sua previsão. Muito tempo ainda há de decorrer até que ele saia de cena.

Voltando às considerações sobre a dinâmica da *informação* através dos tempos, e já lhes tendo falado da transmissão do *conhecimento*, é bom lembrar a *relevância* de um fato verdadeiramente *revolucionário*, que em termos históricos pode ser considerado recente: o *advento da palavra escrita*. A partir daí, tornou-se possível o *armazenamento do passado*.

O registro gráfico do *conhecimento* começou nas *paredes das cavernas*, evoluindo depois para os *fragmentos de pedra* preparados para a finalidade; posteriormente, na *pele dos animais* e nos *pergaminhos* e, finalmente, no *papel* – essa formidá-

vel *invenção chinesa*, cuja importância só é comparável ao aperfeiçoamento de outra *invenção chinesa – a imprensa*, na *Europa*, no século *XV*.

Inicialmente, tais registros eram guardados em *rolos*; mais tarde, em *livros primitivos* de dimensões avantajadas; feitos individualmente à mão, eram produzidos muito lentamente, por mais competentes e expeditos que fossem os *calígrafos* de então.

Esses livros por muito tempo foram guardados predominantemente nas *mesquitas*, nas *sinagogas* e nos *mosteiros*, repositórios exclusivos do *saber*, até o aparecimento das *universidades*, instituições que começaram a surgir, inicialmente no *mundo árabe* onde primordialmente se estudava a *teologia*, as *matemáticas* e a *astronomia*; depois, na *Europa*, onde a precursora foi a *Universidade de Bolonha*, fundada em 1158.

Seguiram-se *Oxford*, *Paris*, *Salamanca*, *Coimbra*, mais ou menos nessa ordem cronológica. Cada uma delas tinha sua biblioteca própria. Entretanto, na verdade, a *primeira e majestosa biblioteca do mundo* é considerada a de *Alexandria*, no *Egito*, grandioso centro cultural fundado por *Alexandre da Macedônia*, no ano 332 A.C., inspirada na verdadeira pioneira – *A Biblioteca da Escola Peripatética de Aristóteles*, em *Atenas*.

A partir de então, rompendo o tempo e em consequência do progresso, foram-se criando mais e mais bibliotecas que hoje se espalham por todos os recantos do mundo, e em sua estruturação moderna têm o objetivo precípuo e indispensável de guardar e proporcionar acesso ao conhecimento a um número crescente de potenciais *usuários* que, certamente, como indivíduos, jamais teriam oportunidade de alcançar essas fontes de informação.

As *bibliotecas modernas* são monumentais coleções de informações, armazenadas sob todas as formas: *livros*, *revistas*, *documentos*, *filmes*, *teipes*, *discos*, *disquetes*, etc.

O mundo encolhe dramaticamente como consequência do extraordinário progresso tecnológico que se vem acelerando, principalmente nos últimos anos, e a informação, antes armazenada quase exclusivamente sob a forma gráfica convencional do *livro* e da *revista*, expandiu-se drasticamente, ganhando sobretudo uma *velocidade de processamento* verdadeiramente alucinante.

O progresso da *eletrônica* cria o mundo novo dos *chips*, milagrosas maravilhas que a cada dia diminuem de tamanho e crescem em desempenho.

A substituição do *analógico* pelo *digital*, o desenvolvimento de *hardwares*, cada vez mais sofisticados, numa rápida sucessão de gerações, que formam a base técnica que possibilita a criação de *softwares*, ou programas cuja versatilidade desafia a imaginação de um mortal comum, constituem a *alavanca propulsora* da comunicação em poucos dias.

Pobres dos que não entram no jogo dos *computadores*, dos *notebooks*, dos *laptops*, das *agendas eletrônicas* e semelhantes.

Através deles, o acesso à informação é instantâneo e o processamento dos dados é vertiginosamente rápido. A mais admirável e impressionante virtude da *informática* é sem dúvida a *velocidade*, juntamente com a capacidade de *armazenamento*, de um número incalculável de dados num espaço *minino*.

Assim, a *disponibilidade da informação* é literalmente *absoluta*.

No campo das *Ciências Biomédicas*, a *intercomunicação* e o *intercâmbio* entre as *instituições* em geral, as *bibliotecas* e também os *cientistas*, os *pesquisadores*, os *docentes* e os *profissionais* tocam as raias da *perfeição*.

Graças ao milagre do *Fax* (acrônimo de *fac-simile*), através do qual podem ser transmitidos instantaneamente a longas distâncias quaisquer documentos gráficos ou pictóricos, graças ao fabuloso *modem*, dispositivo eletrônico capaz de transformar os sinais da linguagem de máquina de um *computador* em sinais de *áudio* para um *telefone* que, por sua vez, acionando uma linha física comum ou um sistema de comunicação por *satélite*, interliga-se com outro *telefone* do outro lado do mundo, onde o mesmo sinal de áudio é demodulado, voltando à sua forma original de linguagem de máquina para acessar outro *computador*, com o qual estabelece uma ligação instantânea.

Outra grande conquista foi, sem dúvida, o *Cd Rom*, que fez possível a multiplicação da capacidade de armazenamento de dados em *discos compactos*, sistema que, por sua vez, pode veicular outros *softwares* que proporcionam a incorporação do som e da *imagem em movimento*, que, ao fim e ao cabo, representa a “*aldeia global*” em verdadeiro *circuito fechado de televisão*.

Esse milagre está por trás das inúmeras redes integradas que hoje existem (nem posso dizer espalhadas, de tão integradas que são) por todo o mundo.

Nos EE.UU., a *MEDLINE* foi a primeira que integrou todas as bibliotecas *médicas*, utilizando a rede *Medlars (Medical Literature Analysis and Retrieval System)* que possibilita a *disponibilidade imediata* de todos os dados referentes à *literatura médica existente no mundo*.

A *América Latina* também tem suas redes de informação, das quais podemos destacar, na área *biomédica*, a *LILACS*, que é uma base de dados de literatura em Ciências da Saúde, por sua vez operada através da *BIREME*, acrônimo original do atual e mais completo Centro Latino-americano e do Caribe de Informações em *Ciências da Saúde*. Com esta, a *Universidade Federal do Rio Grande do Norte* já tem ligação on-line, através de várias de suas unidades, o que nos permite acesso imediato a quaisquer dessas bases de dados, mais recentemente através da *Internet* – o instrumento mais perfeito e abrangente já concebido e realizado que, alcançando todas as áreas da atividade humana, põe em contato instantâneo e permanente, virtualmente, todas as instituições e todas as pessoas, nos pontos mais remotos da *terra*.

Decididamente, já é passada a *era do sábio medieval*.

No mundo de hoje já não há lugar para *Leonardo da Vinci*.

O volume de conhecimento ampliou-se tanto, que já não cabe no cérebro do homem.

A inteligência humana é ilimitada. Entretanto, nossos limites residem exatamente na incapacidade de reter as informações adquiridas. Aí é que se faz sentir a indispensabilidade da máquina.

Mesmo assim, depois de tudo o que de mais revolucionário foi dito da *Informática*, posso afirmar-lhes que a figura física do *livro* e da *revista* continua sendo elemento indispensável na formação e na transmissão do conhecimento humano.

A expansão da *língua falada* põe em xeque a língua escrita, propondo-se a abolir o papel, considerando-se que a televisão via satélite, por exemplo, atinge instantânea e cotidianamente, virtualmente bilhões de pessoas, ao passo que o livro, por maior que seja sua tiragem, alcança tão-somente alguns milhares de leitores, que certamente haverão de gastar ainda algum tempo para absorver a informação que contém.

O acesso a esse mundo maravilhoso, apesar de cada vez mais fácil e amplo, ainda é extremamente limitado. O livro de texto não perde a sua importância, principalmente na fase de formação; e a literatura periódica segue desempenhando seu im-

portante papel, especialmente no processo de atualização do conhecimento.

É bom que seja dito que, a despeito da explosão eletrônica, nos últimos 10 ANOS foram publicados mais títulos, isto é, mais LIVROS do que nos 100 ANOS ANTERIORES.

Gostaria de, antes de terminar, pedir-lhes a atenção para a importância das obras de consulta, dentre as quais destaco o dicionário, peça imprescindível numa biblioteca.

Muitos dos presentes conhecem a minha preocupação com a deficiência da linguagem de comunicação profissional na Odontologia, preocupação essa que me levou à ousadia de, como um estranho no ninho, transmutar-me em lexicógrafo e elaborar o *Dicionário Odonto-Médico Inglês-Português*, com perto de 29.000 verbetes, o qual acaba de ser concluído e está em vias de publicação.

Admito que é difícil entender os desígnios da *informática* para aqueles que tiveram a sorte ou a desdita de precisar usá-la.

Eu mesmo, quando já vislumbro o pôr-do-sol, vejo-me envolvido numa vivência frenética com esses diabólicos instrumentos. Mas, se não fosse o que resulta de minha luta desigual com eles, jamais teria chegado à conclusão do que considero a obra da minha vida, pelo tempo e pelo sacrifício que consumiu.

Sem os recursos eletrônicos de que tenho lançado mão nos últimos 5 anos, nem posso imaginar por quanto tempo ainda haveriam de prolongar-se os primeiros 20 anos de trabalho que já tinham decorrido.

Espero que, em pouco tempo, minha modesta contribuição já esteja nas prateleiras das bibliotecas e nos discos rígidos dos computadores, numa ambiciosa pretensão de servir a estudantes, profissionais, professores e investigadores das Ciências da Saúde, principalmente no campo da Odontologia.

É enorme a responsabilidade de um dicionarista. Há que ter em mente que dicionários são feitos para tirar dúvidas, não para suscitá-las ou ignorá-las. Por mais cuidadoso e exaustivo que seja nosso trabalho, por mais perfeccionistas que procuremos ser, nunca teremos completado nossa obra e jamais poderemos esperar entregar um livro sem falhas.

Sintetizo a nossa sina numa citação de Andrieux: "*Todos os outros autores podem aspirar ao elogio*"; os lexicógrafos só podem aspirar a escapar às críticas.

Agradecendo a presença e a paciência desse atento auditório, e impulsionado pela afinidade que sinto com um de meus ancestrais, peço-lhes que me seja permitido concluir, reverenciando a memória do meu trisavô, *JONATHAN ABBOTT*, cidadão inglês transplantado para este País, anatomista, cirurgião, gramático e professor, que é seguramente o responsável genético por meu amor pela ciência, pelo ensino médico, pela palavra e pelo *LIVRO*. Igualmente deve tê-lo sido pelo entusiasmo com que me envolvi com o assunto desta palestra, a ponto de tê-los maçoando por tanto tempo.

Muito obrigado.

Composto pela *Textos Informática*, Capa em Off Set impressa na Editora Universitária da UFRN em setembro de 1995. Edição comemorativa ao sexagésimo sétimo aniversário de nascimento da Biblioteca e Escritora Zila Mamede (1928-1985)



**BC**

**ZM**

**Biblioteca  
Central  
*Zila Mamede***

A Coleção *Escrita & Memória* da Biblioteca Central *Zila Mamede* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte inaugura um diálogo sensível com o autor através de registro de textos que representam o valor da *escrita* na formação da *memória*.

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**